



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

## PROGRAMA MINHA COMUNIDADE, DESENVOLVIMENTO HUMANO E DE TRABALHO LOCAL: EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO DO IFAL – CAMPUS MARAGOGI

Área temática: Trabalho

A. S. T. LIMA<sup>1</sup>, J. A. A. SILVA<sup>2</sup>, M. S. SPINELLI<sup>2</sup>, L. L. D. SILVA<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Professor de Agroecologia do IFAL – Campus Maragogi. <sup>2</sup>Professores de Sociologia do IFAL – Campus Maragogi. <sup>3</sup>Professor de Filosofia do IFAL – Campus Maragogi e Coordenador do Programa de Extensão Minha Comunidade no *Campus*.

Instituto Federal de Alagoas (IFAL).

Resumo: O Programa Minha Comunidade é uma iniciativa da Pró-reitoria de Extensão do IFAL, na qual a equipe proponente escolhe uma comunidade e desenvolve nela diversas ações. O Campus Maragogi tem atuado no Programa desde 2014 com uma equipe interdisciplinar. A comunidade escolhida trata-se de um Assentamento com 60 famílias circunvizinhas da sede definitiva do Campus e acolhem ações extensionistas que lidam com diagnóstico histórico e social da própria história do Assentamento; atividades alternativas de plantio e apoio técnico agroecológico; potencial turístico da comunidade e produção de artesanato e geração de renda. Todas estas iniciativas acontecem através de oficinas e encontros semanais e resultam no desenvolvimento humano (através da construção da própria identidade comunitária e dignidade dos membros assentados) e local (a medida que o material produzido, seja na lavoura ou no artesanato tem tido condições de adquirir valor comercial). A ação extensionista cumpre deste modo a função social do Instituto e dá sua contribuição no processo de formação humana daqueles que participam da extensão, sejam enquanto proponentes ou público-alvo.

Palavras chave: Extensão no IFAL. Desenvolvimento humano e de trabalho local. Educação no Assentamento.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



## 1. Introdução

O Programa Minha Comunidade é uma promoção da Pró-reitoria de Extensão do Instituto Federal de Alagoas. Especificamente, o *Campus* Maragogi atua desde 2014 no Assentamento Nova Jerusalém (comunidade circunvizinha a sede definitiva do *Campus*), com os seguintes objetivos que se transformam em eixos e iniciativas: I) Apoio técnico agroecológico; II) Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável; III) Apoio com vistas a geração de renda e IV) Levantamento do potencial turístico da comunidade.

O Assentamento Nova Jerusalém<sup>1</sup> foi, no passado, uma fazenda de produção de coco. Com o endividamento de seus antigos proprietários, a terra foi vendida para o INCRA. No ano de 2005, ao serem informados da possível desapropriação, famílias que em sua maioria se encontravam acampadas na luta pela terra no município de Porto Calvo (AL), ligadas ao Movimento MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), vieram se instalar no acastamento da rodovia por aproximadamente três meses. Juntaram-se a esse movimento pessoas de outras localidades, tais como Maragogi (AL), Barreiros (PE) e arredores, alguns ex-funcionários da fazenda também foram beneficiados no acesso à terra. Após a desapropriação, o acampamento passou para o interior da propriedade e após um ano de aguardo, conquistaram as casas construídas pelo INCRA, assim como suas parcelas de terra. Hoje, o Assentamento Nova Jerusalém possui aproximadamente 60 famílias e, em sua grande maioria, são evangélicas.

A relevância do programa se dá na possibilidade de discutir, ampliar e compartilhar saberes, valores e experiências que ultrapassam a abrangência geográfica e inclusive, institucional, do *Campus*, de modo especial, na construção de um processo de partilha e de ensino-aprendizagem. Tais temáticas têm sido eixos norteadores do Programa de Extensão na Comunidade e mais do que diversas ações integradas, vem ser, principalmente, uma contribuição do Instituto Federal de Alagoas na formação e no zelo de cada indivíduo envolvido no processo extensionista no tocante à consciência

<sup>1</sup> Seguem dados informativos coletados pelo Diagnóstico Rural realizado nesta comunidade pelo Programa Minha Comunidade no ano de 2014.



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ambiental, à produção agrícola saudável, à possível geração de renda, bem como ao desenvolvimento crítico, respeitoso e responsável da formação e da cidadania.

A partir do diagnóstico socioeconômico realizado no Assentamento Nova Jerusalém no Programa Minha Comunidade executado em 2014, verificou-se que grande parte dos assentados não possuem êxito no cultivo de suas terras. Assim, constatou-se a necessidade de apoio técnico e estímulo ao cultivo (agro) ecológico e saudável, ações estas desenvolvida desde 2015. Vale salientar que tais vertentes dialogam e somam-se entre si, sobrepondo-se conforme a necessidade real do local e os objetivos do Programa.

Dessa forma, a proposta multidisciplinar (considerando as especialidades de professores de diversas áreas de ensino: agroecologia, sociologia, filosofia, química, hospedagem/ turismo, dentre outras), somam forças e buscam agir segundo possibilidades dadas por cada área, procurando responder às demandas da comunidade. A mesma já tem demonstrado sinais de autonomia, organização social e desenvolvimento humano com as iniciativas desenvolvidas pelo Programa. Este com seu tempo de desenvolvimento e suas atuações já possibilitou publicações e socializações de trabalho em eventos locais e regionais de caráter acadêmico.

## 2. Material e Metodologia

O primeiro passo foi conhecer o Assentamento e fazê-los reconhecerem-se como tal. Para tanto, algumas atividades existiram como apresentação da equipe de servidores e estudantes no Assentamento: cuidados e segurança doméstica, alternativas de plantio e irrigação em casa, saúde e assistência social. Estas iniciativas existiram a partir de uma parceria com o Corpo de Bombeiros de Maragogi e com a Secretaria de Saúde do Município. Neste momento, a Comunidade tomou ciência do programa e manifestou acolhimento e interesse. Com isso, visitas semanais foram realizadas e em cada estágio também se desenvolveu atividades específicas.

Dentre as atividades ressalta-se o diagnóstico socioeconômico e histórico do Assentamento Nova Jerusalém (iniciado em 2014): consta numa pesquisa que caracteriza, através de questionário aos membros antigos e fundadores do

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apoio





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Assentamento, a história e consolidação dos assentados, bem como identifique a condição social e econômica dos mesmos. A pesquisa tem sido coordenada pelos professores de Sociologia que compõem a equipe.

Outra iniciativa desde 2014 até o momento presente é o apoio técnico agroecológico: tal evento consta em atividades que estimulam e ampliam o cultivo de sistemas agroflorestais estendendo a quantidade de canteiros nas parcelas (lotes) dos assentados. Tal apoio também possibilita a criação de hortas domésticas e coletivas, sejam no regime vertical ou horizontal, produção de mudas e oficina de compostagem. A iniciativa é coordenada pelos servidores do Núcleo de Agroecologia que compõem a equipe interdisciplinar do Programa.

Por fim, ainda em 2015 criou-se a produção de artesanato e geração de renda. Trata-se de oficinas, também com periodicidade semanal, que consta no aprendizado de artesanato utilizando E. V. A., fibra de bananeira, conchas do mar (para se fazer bijóias) e materiais descartáveis, bem como outras atividades como produção de sabão reutilizando óleo de cozinha. O curso é coordenado por um estudante bolsista e assistido pelo coordenador do Programa.

Outras ações estão em andamento como o levantamento do potencial turístico da Comunidade, elaborado pelo núcleo de Hospedagem e Turismo que compõe a equipe interdisciplinar. De todo modo, é perceptível que cada ação possui um impacto na formação humana do indivíduo, bem como consolida a história e dignidade dos assentados, além do princípio do desenvolvimento local em questão.

### 3. Resultados e Discussões

O saber é a forma de conhecer mais informalizada, intuitiva e tácita e que por isso a que mais ocorre no cotidiano de vida (CARIA, *In*: TORRES (org), 2006. p. 134).

A equipe teve uma observação mais atenta do Assentamento a partir dos dados do Diagnóstico. O mesmo foi fundamental para se fazer um mapeamento histórico e social da comunidade, bem como dar suporte e justificativa nas atividades que de fato



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

atendessem aos interesses comunitários e fosse, deste modo, coerente com a necessidade local. Segue um registro demonstrando a aplicação do Questionário:



Imagem 1: Aplicação de questionário

Segundo o Diagnóstico, a maior parte das famílias (aproximadamente 36%) declara que o emprego fora do assentamento é a principal fonte de renda familiar. Dentre os que mencionaram onde atuam, cerca de 40% são absorvidos pelos condomínios e casas de veraneio e 27% encontram-se ligados ao setor hoteleiro e turístico, os demais apontaram outras fontes de renda. Quanto a renda deste grupo, metade dos que se dizem empregados possuem até 1 salário mínimo, o que demonstra que mesmo se dizendo assalariado, parte significativa deles não recebem o mínimo estabelecido por lei. Presume-se que não possui carteira assinada apesar do vínculo empregatício, o que é comum na região.

A aposentadoria tem seu valor significativo como fonte de renda entre as famílias com aproximadamente 23%. Em seguida, com aproximadamente 21% existem as famílias que prestam serviços esporádicos. Atuantes na agricultura, somam-se aproximadamente 11%. Porém, a agricultura de subsistência como complemento a outra fonte de renda possui 21% da população. Dessa produção têm-se como principais produtos agrícolas o coco em primeiro lugar, em seguida a mandioca/macaxeira.

Ainda como principal fonte de renda, têm-se o funcionalismo público com o percentual de 4% e pensão alimentícia, 4%. Apenas uma família mencionou possuir renda exclusivamente de programas sociais de ação afirmativa do governo federal (Bolsa Família, por exemplo) dando um percentual de aproximadamente 2%. Vale



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

salientar que grande parte das famílias possuem mais de uma fonte de renda, sendo que das que mencionaram possuir acesso às ações afirmativas somam um total 58%, funcionando como renda complementar.

Tais resultados evidenciam a grande problemática da viabilização das parcelas (lotes) dos assentados de reforma agrária e sua baixa produtividade. Observou-se, como já mencionado, que dos que cultivam a terra 21% utiliza-se dela como fonte de subsistência e 11% apenas como fonte de renda e subsistência. Sendo destes 11%, 70% recebem até meio salário mínimo/mês e 30% possuem renda de até um salário mínimo/mês. A falta de retorno financeiro, além da dificuldade de acesso a água e de apoio técnico, podem ser fatores que os desestimulam no cultivo da terra.

Ainda de acordo com o Diagnóstico, grande parte dos moradores possui baixo nível de escolaridade, em sua maioria, estudaram as séries iniciais e finais do ensino fundamental somando 53% da população. Há ainda um percentual considerável de moradores, jovens em sua maioria, com ensino médio incompleto e completo (44%) e apenas 3% com ensino superior incompleto. O baixo nível de escolaridade está provavelmente atrelado à baixa renda presente no total dos assentados, em que 21% da população recebe apenas ½ salário mínimo e 29% recebem 1 salário mínimo. Entre 1 a 2 salários corresponde ao índice de 31% e 19%, apenas, recebem mais de 2 salários mensais.

Com o Diagnóstico, duas atividades têm sido responsáveis pela sustentação do Programa no Assentamento: o apoio técnico agroecológico e o apoio com vistas a geração de renda. A partir de tais iniciativas, o público-alvo começou a desenvolver plantio doméstico e nas parcelas. Também desenvolveram o espírito comunitário através de um maior entrosamento bem como compartilharem ações e seus respectivos frutos de caráter agroecológico. Toda semana, a equipe de Agroecologia do IFAL *Campus Maragogi* dá assistência técnica e colabora com os Assentados, suprimindo inclusive esta necessidade que foi prometida pelo INCRA na época de formalizar o Assentamento, mas que não houve por parte daquela Instituição uma regularidade e assiduidade. Segue foto de atividades agroecológicas desenvolvida no Assentamento:



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Imagem 2: Produção de canteiro de hortaliças



Imagem 3: Produção de esterco no Assentamento

Tratando-se da geração de renda, o público-alvo através de cursos semanais aprendeu a fabricar artesanato e com isso criou-se uma organização social local: a Associação de Artesanato Mulheres de Nova Jerusalém. É preciso considerar o contexto que de alguma forma repercute na vida social do público-alvo da extensão em questão: “O pensamento industrial agiu sobre a natureza de forma predatória, sem reciclar. E quando falamos em educação – e agora um novo paradigma nos traz o termo “ecopedagogia” – tratamos, sim, da capacidade de reciclar, de fazer de novo, usando a capacidade intelectualiva” (SOZO, *In*: TESTA; PICHLER, 2008, p. 20).

ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

A proposta desta Associação é o aprendizado, fabricação de material e comercialização de produtos. Para isso, várias ações (brechó, sopão, rifas, etc) promovidas pelas próprias assentadas têm sido feito no intuito da construção de uma barraca que seja o ponto de apoio para a comercialização. “A ecopedagogia retrata a importância da educação como ciência que objetiva promover a aprendizagem. É muito mais compreender e conceitualizar: é querer partilhar, dar sentido, interpretar, expressar, viver, alertando para que estejamos atentos à percepção e à intuição (SOZO, *In: TESTA; PICHLER, 2008, p. 21*)”. Segue alguns registros deste eixo (geração de renda):



Imagem 4: Produção de Artesanato reutilizando garrafas de cervejas



Imagem 5: Artesanato fabricado com conchas do mar e outros objetos reaproveitados.





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016



Imagem 6: Venda de sopa para arrecadar dinheiro em prol da construção da barraca para comercialização dos produtos da Associação de Artesanato.

Percebe-se que a atividade extensionista tem sua contribuição social à medida que Escola e Sociedade, no caso, *Campus IFAL Maragogi* e Assentamento Nova Jerusalém, atuam no processo mútuo de ensino-aprendizagem, mas também de socialização de saberes, da construção de uma identidade, do permanente resgate da dignidade humana. Neste sentido, corrobora o filósofo contemporâneo Martin Buber quando discute *Sobre Comunidade*:

Nós que passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural, não podemos mais voltar para aquela vida em comunidade. Não podemos reconstruir o crescimento primitivo, mas podemos preparar o caminho de uma nova organização social, em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu, retorna à atividade consciente. A comunidade e a sociedade são ambas expressão e desenvolvimento de tipos de vontade. (...) Nossa vida comunitária não é mais um “viver-um-no-outro” primitivo, mas um “viver-ao-lado-do-outro” ajustado (BUBER, 2008, p. 52-53).

Sabe-se que o aprendizado e o desenvolvimento enfatizado não é meramente técnico do ponto de vista laboral ou instrumental, mas humano. Essa consideração se dá diante das limitações que o próprio Programa enfrenta. Foi justamente através do Programa que houve aproximação no Assentamento, o que antes apenas existia vizinhança. Daí, o pensamento em destaque de Buber expõe esta incapacidade, inclusive transcendental (por ser genuína) de se fazer um retorno ao que ele considera comunidade primitiva. No entanto, não exclui a possibilidade de que esta Comunidade,

ISBN: 978-85-93416-00-2



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

representada pelo Assentamento, possa construir-se, de acordo com o contexto hodierno, sua forma de ser.

Inevitavelmente as ações do Programa de Extensão Minha Comunidade possibilitam o Desenvolvimento Humano. Pensar desenvolvimento humano, por sua vez, é atentar para o ser humano como fim em si mesmo. Se de um modo a lógica capitalista utiliza-se da educação, da ciência e da tecnologia como instrumentalmente subordinada, a atividade extensiva busca ampliar tais instrumentos em prol do ensino-aprendizado, na parceria Escola – Sociedade, contribuindo com a qualidade de vida e, conseqüentemente, com o desenvolvimento humano. Por isto, fica claro que a ação exclusiva numa Comunidade é a esperança para dali se melhorar, pouco a pouco o núcleo maior, isto é a Sociedade: “se o conhecimento é a chave, o ponto de partida é o de desigual distribuição do mesmo, como resultado de uma história de acesso desigual aos sistemas de educação e às experiências de trabalho e gestão” (CORAGGIO, 2000, p. 239).

## 4. Conclusão

A indissociabilidade do Ensino com a Extensão é um fato que se consolida através das iniciativas de parcerias e trabalhos do Campus (enquanto representante do Instituto naquela localidade) e da respectiva Sociedade que o circunda. Neste contexto, o Programa Minha Comunidade amplia o sentido desta indissociabilidade a medida que proporciona outros feitos: o envolvimento de professores de diversas áreas do conhecimento em prol de um objetivo comum e o ensino-aprendizagem de um duplo trabalho. Este duplo trabalho torna-se significativa à medida que enfatiza-se além do trabalho dos professores e estudantes com a comunidade, mas entre a própria equipe proponente, de forma interdisciplinar.

Ora, a lógica do Programa de algum modo quebra o reducionismo do modo cartesiano de se trabalhar e inaugura um espaço dinâmico de integração para interação. Conseqüentemente, os fundamentos extensionistas apresentados tendem a superar as limitações diante do Projeto: A construção do sentido de comunidade onde apenas reinava uma aparente vizinhança, o envolvimento e engajamento de mulheres que estavam acomodadas em sua situação como domésticas, as alternativas de superação

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

diante das dificuldades de se desenvolver a agricultura e o elo estabelecido entre sabedoria comum e conhecimentos acadêmicos. Estas limitações tornaram-se desafios que se frutificaram através das ações de extensão. Deste modo, percebe-se, pois, que a ação extensionista cumpre um papel educativo à medida que colabora com a função social da Instituição (no caso, do IFAL) perante a comunidade e através da possibilidade do trabalho e do desenvolvimento humano, também corrobora com o processo de formação humana de todos que dela participam.

## 5. Referências

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CORAGGIO, José Luis. **Desenvolvimento humano e educação: o papel das ONGs latino-americanas na iniciativa da educação para todos**. São Paulo: Cortez, 2000.

TEODORO, António; TORRES, Carlos Alberto (orgs.). **Educação crítica e utopia: perspectivas para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 2006.

TESTA, Edimárcio; PICHLER, Nadir Antônio. **Ética, educação e meio ambiente**. Passo Fundo – RS: Editora. Universidade de Passo Fundo, 2008.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:

